

UM ESTUDO DO DISCURSO POLÍTICO NA ESFERA POLÍTICA INTERNACIONAL

A STUDY ABOUT POLITICAL DISCOURSE IN THE INTERNATIONAL POLITICAL SPHERE

*Renata PALUMBO**

Resumo: Neste artigo, examinamos como o tema sobre a fome mundial foi atualizado no discurso proferido pelo ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva na Organização das Nações Unidas, em Nova Iorque, 2003. Utilizamos como pressupostos teóricos os estudos do Círculo de Bakhtin (1928/1985/2008, 1929/1992, 1963/1997, 1979/2003), em específico, as reflexões sobre gênero discursivo e linguagem ideológica.

Palavras-chave: Gênero discursivo; Esfera política internacional; Relações dialógicas.

Abstract: In this paper, we examine how the theme about world's hunger is updated in President of the Republic Luiz Inácio Lula da Silva discourse in the United Nations Office (ONU), New York, 2003. We use as theoretical base the studies of Bakhtin Circle (1928/1985/2008, 1929/1992, 1963/1997, 1979/2003), especially the reflections about discursive genre and social ideological language.

Keywords: Discursive genre; International political sphere; Dialogic relationships.

Considerações iniciais

A partir do século XX, as atividades humanas, na esfera política, passaram e ainda passam por transformações significativas, principalmente, por conta do desenvolvimento de diversas áreas do conhecimento e, também, do avanço tecnológico e da globalização. Exemplos disso consistem nas implantações de novos órgãos internacionais como FMI, ONU, OMC etc., e de alianças internacionais como MERCOSUL, FAO, entre outras.

Esse novo quadro, no âmbito das relações políticas internacionais, pressupõe encontros, cujos objetivos específicos –

* Doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil. Professora das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU. Contato: rpalumbo_07@ig.com.br.

particulares e coletivos – influenciam as práticas políticas da linguagem¹, já que essas, como todas as atividades linguísticas, situam-se na vida e estão diretamente ligadas às características históricas e sociais do momento da enunciação (BAKHTIN, MEDVEDEV, 1928). Nesse sentido, a maneira como os sujeitos políticos, em encontros internacionais, selecionam fragmentos da realidade e dão acabamento relacionam-se estreitamente às específicas condições de circulação, de produção e de recepção que configuram essas situações interacionais.

Geralmente, os encontros desses órgãos internacionais dão-se pela presença de chefes de governo ou de Estado, em que interagem a fim de chegar a acordos que condizem com seus objetivos políticos, o que faz dessas práticas languageiras uma arena repleta de propósitos argumentativos, orientações axiológico-semânticas frequentes na esfera de comunicação política. Nessas interações, há a presença do discurso político presidencial, ou seja, aquele proferido por um chefe de Estado.

Nesses casos, podemos afirmar que se trata de um discurso institucionalizado, em que a voz de um Estado, uma voz institucional, é representada por um sujeito social: o Presidente da República; entretanto, devemos levar em conta a individualidade presente nos enunciados concretos (BAKHTIN, 1952-1953/1979, 2003) que nos leva a crer na presença de posições ideológicas do locutor manifestadas discursivamente.

Sobre esse ponto, o ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, em seus dois mandatos, participou das reuniões da Assembleia da ONU, em Nova Iorque. Em seus discursos, é possível notar a relevância dada à necessidade de mudar a situação mundial de fome e de pobreza². Esse fato consiste em um indício, entre outros, do posicionamento do presidente como defensor dos pobres³ que, aliado à sua história de vida e à de atuação política, ressalta a presença das ideologias do cotidiano em condições mais complexas da vida como em gêneros da esfera política internacional, mais especificamente, no discurso político, em reuniões da ONU.

¹ Aqui entendida como língua em uso.

² Resultados obtidos, até o momento, em nossa pesquisa de Tese de Doutorado sobre os discursos do Presidente Lula no exterior.

³ Sobre isso, lembremos de Aristóteles, em sua Retórica, que já mencionava o fato de o sujeito construir uma imagem de si próprio pelo e no discurso.

A partir disso, questionamo-nos a respeito de como esse fragmento do real (a fome mundial) foi atualizado em um dos enunciados de Lula – o primeiro discurso proferido por ele na abertura da Assembleia da ONU, em 2003 – conforme os entornos político, social, interacional do encontro que o configuram como um evento único de comunicação. Para buscar essa resposta, procedemos à análise a partir da concepção social-ideológica da linguagem e de gênero de discurso dos estudos do Círculo de Bakhtin.

Primeiramente, discutimos, neste artigo, algumas concepções sobre enunciado, gênero discursivo e esfera/campo, conforme os estudos de Bakhtin e seu Círculo e, posteriormente, passamos às análises do discurso do presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura da 58ª Assembleia Geral da ONU, em Nova Iorque.

1 A dimensão social-dialógica do enunciado

Tomemos como ponto de partida o conceito de enunciado, como produto da interação social, na perspectiva do Círculo de Bakhtin. A noção apresentada não se refere, especificamente, à frase enunciada, mas consiste em uma unidade complexa que ultrapassa a materialidade linguístico-textual, vai além do texto – quando este é considerado do ponto de vista da língua (sistema), ou seja, apartado de suas relações sociais, de seu caráter interativo e ideológico. Dessa maneira, podemos exemplificar como enunciados os romances, no campo literário, as notícias, no campo jornalístico, os discursos políticos, no campo político. Todos eles constituídos a partir de fatores extralinguísticos, dialógicos, em diversos campos da comunicação humana.

Esses campos/esferas são definidos como sistemas ideológicos (complexos e simples) que estão em contato uns com os outros, ou seja, as ideologias científicas, por exemplo, podem recuperar e refratar (ler de modo próprio) outras como as artísticas, religiosas etc.

Amparando-nos nessa perspectiva, podemos afirmar que o enunciado é a unidade concreta e real da comunicação discursiva; e que cada um se constitui em um evento único de comunicação, já este não poderá ser repetido, pois, embora haja a possibilidade de recuperar um enunciado anterior em outras situações da vida de maneira a aceitá-

lo, a criticá-lo, ou mesmo, ironizá-lo, o que ocorre, nesses casos, é um novo acontecimento.

Nesse sentido, o enunciado consiste em um elo de uma cadeia complexa e contínua da comunicação verbal e não-verbal, o que nos permite pensá-lo como resposta (réplica) aos que o antecederam e, também, como parte de um *continuum* com aqueles que surgirão.

Além disso, todo enunciado é construído levando-se em conta as possíveis atitudes responsivas, ou mais especificamente, ele é criado em prol delas. Fato que aponta o papel significativo daquele a quem se destina o enunciado, pois, desde o início de nossa produção linguística, direcionamos nosso olhar ao *outro*, pensando-o como sujeito que procede a “uma ativa compreensão responsiva” (BAKHTIN, 1952-1953/1979, 2003, p.301).

Ainda sobre esse ponto, Bakhtin (op. cit.) ressalta que ao construirmos nosso enunciado é possível que já antecipemos possíveis objeções. Isso se deve ao fato de o sujeito, ao falar/escrever, levar em conta algumas características do destinatário – apreendidas/determinadas na própria condição específica de comunicação – como: os conhecimentos que ele possui sobre a situação interacional e a respeito do campo cultural da comunicação em questão; suas concepções, suas convicções, seus valores etc. Esses fatores determinam a compreensão responsiva que o *outro* terá de nosso enunciado, como também, essa consideração indicará a escolha do gênero, dos procedimentos composicionais, da abordagem do conteúdo temático e do estilo.

Por tudo o que se expôs, podemos afirmar que o enunciado é composto e organizado não só textualmente, por um material semiótico (dimensão verbal, não-verbal, sincrética), mas, também, por uma dada situação interacional (dimensão social), em que se incluem as características históricas do momento de sua produção – tempo, espaço, participantes sociais (quem produz e a quem produz), orientação valorativa. Dessa maneira, na perspectiva interativo-ideológica de Bakhtin e de seu Círculo (1929, 1963, 1952-1953/1979), considera-se a dimensão social como parte constitutiva do enunciado.

É nesse sentido que Bakhtin (1963) estabelece diferença entre enunciado e oração, entre língua como objeto da Linguística⁴ (sistema)

⁴ Salientamos que Bakhtin refere-se à Linguística de sua época.

e discurso. Para ele, o enunciado é uma unidade do discurso, ou seja, é concreto, realiza-se nas interações sociais e possibilita atitudes responsivas, enquanto que a oração é uma unidade da língua (assim como os morfemas, as palavras dicionarizadas etc.), que se relaciona com o cotexto e com outras orações, o que a faz isenta de quaisquer relações dialógicas.

A partir dessa perspectiva dos estudos sobre as relações dialógicas dos enunciados (1959-1961⁵/1979, 1963), dos gêneros, que vão além da língua como sistema, Bakhtin, nos textos de sua última fase, apresenta uma disciplina denominada Metalinguística, aquela que “tem por objetos as relações dialógicas” (BAKHTIN, 1963, p.182), ou seja, observa o enunciado concreto e sua relação direta com a vida social dos sujeitos situados.

Sobre este último ponto, se pensarmos na maneira como utilizamos a língua no cotidiano, em conversas entre familiares e amigos, ou como nos interagimos linguisticamente em ambientes de trabalho, ou, até mesmo, no modo como os escritores, na literatura, selecionam/exploram fragmentos do real, dão acabamento e representam-nos por meio da linguagem, podemos afirmar que os discursos são produzidos em diferentes campos/esferas – sistemas ideológicos - da atividade humana que exigem formas específicas de atuação linguística, pois estão diretamente ligados aos seus contextos de produção, de circulação e de recepção.

Essa diversidade de produções da linguagem é infinita; entretanto, organizada, ou seja, os enunciados estabilizam-se relativamente e são perpassados pelos diversos campos da atividade humana. Essa estabilização relativa foi denominada por Bakhtin e seu círculo como gêneros do discurso.

2 Os gêneros do discurso no Círculo de Bakhtin

Realizados desde a Antiguidade, em Platão, em Aristóteles, os estudos a respeito dos gêneros partem da poética – comédia, tragédia e epopeia – e da retórica – os discursos dos tribunais (judiciário), os dos políticos em praça pública (deliberativo) e os do elogio e da censura

⁵ Conferir Bakhtin (1979), especialmente o capítulo *O problema do texto na linguística, na filosofia e nas outras ciências humanas*.

(epidítico) – textos precursores sobre a questão dos gêneros, no ocidente. Esse é um dos motivos que é possível observar o diálogo estabelecido por Bakhtin com Aristóteles, em que, por vezes, cita os estudos do antigo filósofo, como:

Começando pela Antiguidade, estudavam-se os gêneros retóricos (demais, as épocas subsequentes pouco acrescentaram à teoria antiga); aí, já se dava mais atenção à natureza verbal desses gêneros como enunciados, a tais momentos, por exemplo, como a relação com o ouvinte e sua influência sobre o enunciado, sobre a conclusibilidade verbal específica do enunciado (à diferença da conclusibilidade do pensamento) etc. Ainda assim, também aí a especificidade dos gêneros retóricos (jurídicos, políticos) encobria a sua natureza linguística geral (BAKHTIN, 1952-1953/1979).

Embora alguns conceitos aristotélicos tenham sido mantidos nas obras do Círculo, como o do papel significativo do destinatário na produção do enunciado e da conclusividade verbal específica deste, os estudiosos vão além e apontam, e essa é a marca de seus estudos, o caráter social-dialógico do enunciado, enquanto que Aristóteles apenas apresentava a poética como imitação e utilizava como critério para definir os gêneros: os objetos de imitação, os modos de imitação, os meios de imitação.

Bakhtin e Medvedev (1928), tratando especificamente dos gêneros literários, mas não se limitando a eles, criticam os formalistas que privilegiavam as formas e que, a partir delas, definiam o gênero como uma configuração estável, numa perspectiva mecânica. Para os estudiosos do Círculo, os gêneros caracterizavam-se por uma dupla orientação para com o real e a vida, ou seja, uma obra tanto se orienta para seu destinatário e para a situação de atuação e recepção quanto para a vida (diferentes aspectos da realidade: fatos, acontecimentos, problemas etc.) em determinado tempo, lugar e circunstâncias.

Também, em 1929/1992, o Círculo de Bakhtin enunciava:

Mais tarde, em conexão com o problema da enunciação e do diálogo, abordaremos também o problema dos *gêneros linguísticos*. A este respeito faremos simplesmente a seguinte observação: *cada época e cada grupo social* têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social,

corresponde um grupo de temas. Entre as formas de comunicação (por exemplo, relações entre colaboradores num contexto puramente técnico), a forma de enunciação (“respostas curtas” na “linguagem de negócios”) e enfim o tema, existe uma unidade orgânica que nada poderia destruir. Eis porque a classificação das formas de enunciação deve apoiar-se sobre uma classificação das formas da comunicação verbal. Estas últimas são inteiramente determinadas pelas relações de produção e pela estrutura sócio-política (BAKHTIN, 1929/1992, p. 43, grifos nossos).

Nesse segmento, Bakhtin e Voloshinov iniciavam o conceito de gênero discursivo, como é possível observar na seleção da expressão “gêneros linguísticos”, possivelmente opondo-se ao literário ou poético, e na indicação do conceito de campo/esfera em “cada época e cada grupo social”. Dessa maneira, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929/1992), os estudiosos também já apresentavam um conceito de gênero diferente ao dos formalistas – visto apenas como forma –, ou seja, eles, mais uma vez, caracterizaram o gênero como uma dupla orientação ideológica com o real e com a vida.

Posteriormente, em 1952-1953⁶, Bakhtin, a partir de seus trabalhos sobre textos literários e do conceito de gênero já esboçado pelo Círculo, apresenta uma teoria dos gêneros discursivos que não se restringe aos enunciados da esfera literária. Embora haja menção de autoria do texto ser de Bakhtin, consideramos que a teoria dos gêneros discursivos parte de estudos em grupo, nos anos 20, em que participaram, entre outros, Medvedev e Voloschinov.

Primeiramente, salientamos que Bakhtin (1952-1953/1979, 2003) não faz uma tipologia (classificação teórico-abstrata) dos gêneros. Ele faz distinção, entre gêneros primários e secundários, não apoiada em critérios funcionais. Os primeiros constituem-se no âmbito das ideologias do cotidiano (aquelas não formalizadas, não sistematizadas, como as conversas informais de nosso dia-a-dia). Já sobre os gêneros secundários, eles surgem em condições mais complexas, no âmbito das ideologias especializadas como: artística, científica, religiosa, política etc.

Ressaltamos que esses gêneros secundários situam-se nas instituições sociais e tendem a recuperar os discursos dos gêneros

⁶Conferir Bakhtin (1979), especialmente o capítulo *Os Gêneros do Discurso*.

primários. No campo literário, por exemplo, os enunciados exploram e retomam os discursos do cotidiano, mas perdem sua relação direta com o real, tornando-se literatura. Nesse sentido, os sistemas ideológicos não são puros, pois há relações estreitas entres os campos/esferas da atividade humana.

Nesse quadro, os gêneros de discurso refletem, em seu conteúdo temático, em seu estilo e em sua construção composicional, as condições específicas de um dado campo de comunicação. Essa é a natureza verbal dos gêneros apresentada pelo Círculo de Bakhtin que se difere dos estudos da Antiguidade, dos clássicos e do formalismo, ou seja, uma concepção que leva em conta os fatores: social, discursivo e ideológico.

Dessa maneira, os gêneros de discurso constroem-se historicamente a partir das situações de interação verbal e vão, relativamente, estabilizando-se, no interior dos diferentes campos sociais. Essa estabilização comporta tipos temáticos, estilísticos e composicionais. Entre os três elementos, Cereja (2007), ao se reportar à noção de tema proposta pelo Círculo de Bakhtin, afirma:

[...] o tema é indissociável da enunciação, pois, assim como esta, é a expressão de uma situação histórica concreta. Como decorrência, é único e irrepetível. Participam da construção do tema não apenas os elementos estáveis de significação mas também os elementos extraverbais que integram a situação de produção, de recepção e de circulação. Dessa maneira, o instável e o inusitado de cada enunciação se somam à significação, dando origem ao tema, *resultado final e global do processo de construção de sentido* (CEREJA, 2007, p. 202, grifos nossos).

Nesse sentido, à luz das obras do Círculo de Bakhtin, o tema consiste em um dos elementos constitutivos do enunciado e dos gêneros discursivos. Sobre esse ponto, já em 1926, o herói (termo utilizado para se referir ao tema) foi apresentado, juntamente com o autor e o ouvinte, como participante essencial da atividade languageira.

Em relação à construção do tema, ressaltamos que, nas esferas de comunicação, na produção dos tipos estáveis em dada situação de interação, ocorrem regularidades no que se refere à seleção de fragmentos do real e à maneira como estes são apresentados, ou seja, o grau de profundidade e a avaliação social. Esta orientação valorativa

implica uma escolha da forma e do conteúdo, uma reorganização estética dos elementos da vida que dá unidade ao todo do enunciado de uma maneira não neutra.

Dessa maneira, o tema é único, é singular em cada realização concreta da linguagem, pois ele assume um acabamento diferente no enunciado, construindo sentido, geralmente, relacionando-se com fatores históricos e sociais e com o destinatário presumido, ou seja, é para este o acabamento dado, constituindo-se, assim, em um elemento dialógico.

Em relação ao estilo, Bakhtin (1952-1953/1979, 2003) afirma que este é indissolúvel ao enunciado e de seus tipos estáveis. Para ele, todo enunciado é individual e, por isso, pode refletir a individualidade do falante/escritor. Isso dependerá do gênero discursivo, pois nem todos possibilitam o estilo individual, como aqueles que apresentam uma forma padronizada, como os documentos oficiais. Conforme o autor (op. cit., p.289), o aspecto expressivo do enunciado pode determinar o estilo individual, pois “a relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado”.

Lembremos que, do ponto de vista bakhtiniano, o juízo de valor de uma palavra, ou de uma expressão, só é efetivado no enunciado concreto, pois não se trata de uma palavra isolada, mas ela inserida em situações reais de comunicação. O autor (op. cit.) também ressalta que quando selecionamos palavras, ou expressões, já temos em mente um projeto de nosso enunciado acabado, assim, cada palavra está relacionada ao conjunto, ao todo que produz sentido.

Além do estilo individual, há, conforme Bakhtin (op. cit.), o estilo do gênero. Em cada campo da comunicação humana, existe um estilo peculiar, ou seja, em uma dada prática social, como na política, na ciência, e suas específicas condições de produção, o estilo aparece como unidade do gênero discursivo que está vinculada às unidades temáticas e à composição. O autor afirma que ao selecionarmos um termo, durante a elaboração do enunciado, geralmente, tiramo-lo de outros enunciados, principalmente, daqueles que se assemelham ao nosso pelas especificidades de um gênero. É neste, que palavras/expressões comportarão expressividades típicas que se marcam, justamente, por suas relações com outros enunciados.

Assim, o estilo não engloba apenas o conceito de expressividade enquanto uma escolha valorativa do locutor, mas também inclui questões dialógicas, como a relação existente com outros enunciados (por vezes, do mesmo gênero) e entre os participantes da interação. Neste último caso, a imagem construída do destinatário, já pré-estabelecida (concepção padrão) pela esfera de comunicação, pelo gênero discursivo, orienta escolhas linguísticas conforme: por um lado, as expectativas por parte do locutor sobre as possíveis percepções e recepções do destinatário; por outro, o que o destinatário espera do discurso, pois, conforme Bakhtin (1952-1953/1979), as realizações discursivas são moldadas às normas do gênero, assim, ao falar ou a ouvir, os sujeitos reconhecem de imediato o gênero em questão, sabem ou preveem o desenvolvimento, a estrutura composicional etc. É por esse motivo que já há uma expectativa sobre o todo de um enunciado por parte dos participantes.

O locutor, dessa maneira, leva em conta como o discurso dele será recebido pelo outro, os conhecimentos prévios da situação e de uma determinada área do conhecimento, as opiniões etc. Fato que já comentamos à página 3, quando discutíamos a respeito das relações dialógicas constituintes do enunciado.

A seleção linguística (lexical/gramatical) e a estrutura composicional são determinadas pelo querer-dizer, pelo projeto de enunciado acabado. E é essa unidade que apresenta expressividade, cada parte relacionada ao todo que, por sua vez, é afetado pelas especificidades dos diferentes gêneros discursivos em sistemas ideológicos, pois eles correspondem a situações típicas que possibilitam temas específicos e, assim, sentidos próprios para algumas expressões. Em outras palavras, os falantes sociais situados selecionam determinadas realidades empíricas e dão a elas um acabamento, no e pelo discurso.

Nesse viés, aparece a questão da autoria (BAKHTIN, 1920-1922/1979)⁷. Um determinado fato social da realidade, apresentar-se-á com um acabamento diferente, em diversos gêneros e práticas languageiras. Ao inseri-lo no discurso, o autor constrói-lo-á conforme sua atividade, a posição social que ele representa, a esfera em que ele está inserido etc. e, poderá, dialogar ou não com outros autores, do

⁷ Conferir Bakhtin (1979), especialmente o capítulo *O autor e a personagem*.

mesmo ou de diferentes campos, que também fizeram circular tal realidade empírica em seus enunciados em tempos e espaços diferentes.

Por tudo o que se expôs, na perspectiva de Bakhtin e de seu Círculo, o estilo é individual e coletivo, pois ao mesmo tempo que falamos sempre dentro de um gênero que comporta tipicidade, o fazemos por meio de enunciados concretos, em que marcamos nossa individualidade. Sobre isso, Voloshinov⁸ (1926), retomando a citação de Buffon “o estilo é o homem”, afirma que o estilo é pelo menos duas pessoas: o locutor, juntamente com seu grupo social assumido, e o destinatário.

4 O discurso político de Luiz Inácio Lula da Silva na ONU: a atualização do tema fome mundial

A partir das teorias esboçadas, observamos a atualização do tema Fome Mundial no discurso político proferido pelo ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, na Assembleia Geral da ONU, em Nova Iorque. Para tanto, examinamos a estrutura composicional, o estilo no e do gênero em questão e, consecutivamente, o conteúdo temático, levando em conta os elementos extralinguísticos do momento da interação.

Inicialmente, julgamos necessário ressaltar que todos os discursos proferidos pelo ex-presidente Lula na ONU, até então, são compostos por vários segmentos divididos, geralmente, por assuntos específicos e sempre iniciados por um ou mais vocativos que recuperam os interlocutores do encontro – elementos frequentemente presentes em discursos políticos oficiais tanto brasileiros quanto estrangeiros.

Sobre os vocativos, nas seleções apresentadas pelo ex-presidente, detectamos modos de tratamento (Senhoras e Senhores, Senhor Presidente, Chefes de Estado e de Governo) que se diferenciam, por exemplo, da formulação “(Meu) Companheiro⁹” utilizada, de maneira recorrente, por Lula tanto no papel de líder sindical quanto no de Presidente da República. Podemos afirmar que

⁸ Discurso na vida discurso e discurso na arte (sobre a poética sociológica), 1926.

⁹ (CEREJA, 2007, p. 201-223).

esse procedimento linguístico indica um endereçamento ao público em questão e aponta a influência das características da esfera de circulação, de produção e de recepção do encontro, em que o locutor, na ONU, posiciona-se, no e pelo discurso, conforme o que se é esperado em situações formais da vida política. A respeito desse procedimento, remetemo-nos às afirmações de Bakhtin de que a imagem do destinatário já pré-estabelecida pela esfera de comunicação, pelo gênero discursivo – e outras peculiaridades do momento da enunciação – orienta escolhas linguísticas, influenciando no estilo, na forma composicional etc.

Embora haja essa postura formal detectada pela maneira como ele escolhe tratar o público, é interessante observar que, logo no início de seu discurso, o ex-presidente Lula apresenta-se como representante do povo brasileiro:

(1)

Em nome do povo brasileiro, reafirmo nossa crença nas Nações Unidas.

Nessa formulação, a voz de um povo faz-se presente no discurso de um presidente, o qual também se inclui no grupo “povo”, e assume a opinião deste, por meio da seleção “nossa crença”. Nesse viés, o locutor enfatiza a função da Organização das Nações Unidas: assegurar a paz e a justiça social no mundo.

Posteriormente, ainda no primeiro segmento, Lula recupera um acontecimento da época referente ao atentado à ONU, em Bagdá, enfatizando o que ocorreu com o missionário brasileiro Sérgio Vieira de Mello:

(2)

Esta Assembléia se instala sob o impacto do brutal atentado à missão da ONU em Bagdá que vitimou o alto comissário para Direitos Humanos, nosso compatriota Sérgio Vieira de Mello. A reconhecida competência de Sérgio nutria-se das únicas armas em que sempre acreditou: o diálogo, a persuasão, a atenção prioritária aos mais vulneráveis.

Exerceu, em nome das Nações Unidas, o humanismo tolerante, pacífico e corajoso que espelha a alma libertária do Brasil. Que o sacrifício de Sérgio e de seus colegas não seja em vão. A melhor forma de honrar sua memória é redobrar a defesa da dignidade humana onde quer que ela esteja ameaçada.

Saúdo fraternalmente o senhor Julian Hunte, que assume a presidência desta Assembléia em momento especialmente grave na história da ONU. A comunidade internacional está diante de enormes desafios políticos, econômicos e sociais, que exigem esforço acelerado de reforma da organização, para que nossas decisões e ações coletivas passem a ser de fato respeitadas e eficazes.

Em (2), observamos que Lula, ao reportar-se ao conflito em Bagdá e às atitudes de Sérgio Vieira de Mello, estende as características apresentadas sobre o missionário aos brasileiros e, consecutivamente, a si próprio, construindo a imagem de um povo pacífico e corajoso que privilegia o diálogo e não a guerra. Esse procedimento em favor da paz é mantido, posteriormente, quando o ex-presidente faz homenagem a Kofi Annan pelo seu trabalho em prol da paz mundial.

Ao final do primeiro segmento de seu discurso, Lula retoma os fragmentos da realidade apresentados – atentado à ONU, em Bagdá, falecimento de Sérgio Vieira de Mello, ambos os fatos que prejudicam a imagem da organização – e categoriza-os como: “um momento especialmente grave na história da ONU”, “enormes desafios políticos, econômicos e sociais”. Fato que indica a tentativa do ex-presidente de apontar a necessidade de atitude por parte dos representantes da ONU para mudar o quadro de guerra no mundo – já que o objetivo da Organização das Nações Unidas consiste em assegurar a paz e os direitos humanos – e, assim, de convencê-los da necessidade de reformar a ONU para que a imagem dela seja positiva aos olhos dos povos (“respeitadas”, “eficazes”).

Salientamos que, no governo de Lula, a diplomacia brasileira passou a considerar o multilateralismo como estratégia de desconcentração e de aplicação de novas regulamentações da política internacional em favor aos países em desenvolvimento. Como também, na época da reunião, a principal meta da política externa era de incluir o Brasil como membro permanente do Conselho de Segurança da ONU (OLIVEIRA, 2005). Por esses dados, podemos afirmar que os objetivos políticos específicos do momento da enunciação estão presentes no discurso do ex-presidente que, logo no início de seu discurso, apresenta uma orientação valorativa do Brasil, destacando características do país (atitude pacífica, coragem, atenção aos mais vulneráveis) que condizentes à missão da ONU, constituindo-se, assim,

em um discurso que preza pelo convencimento e pela persuasão. Procedimento que vai ao encontro do que discutimos neste trabalho sobre a dimensão social como parte constituinte do enunciado, conforme Bakhtin e seu Círculo (1929, 1963, 1952-1953/1979), em que se incluem as especificidades sociais e históricas da situação interacional.

No segundo segmento, o posicionamento de Lula é mantido e ele, enfatizando a necessidade do multilateralismo, continua a apontar os deveres da ONU e a indicar o quadro de guerra instaurado no mundo.

É no terceiro segmento do discurso que o tema fome aparece, em meio às várias tentativas de categorizar o Brasil como um país pacífico e a de resgatar algumas situações de conflito e de guerra mundiais. No último caso, inúmeras seleções reiteram o sentido de um mundo em guerra: “o do bárbaro atentado de 11 de setembro”, “o combate ao terrorismo, às armas de destruição em massa, ao crime organizado”, “remover os escombros dos conflitos”, “preservar os povos do flagelo da guerra”, “as ameaças à paz”, entre outras.

Observemos o seguinte segmento, atentando-nos às partes destacadas:

(3)

Reitero perante esta Assembléia verdadeiramente universal o apelo que dirigi aos Fóruns de Davos e Porto Alegre e à Cúpula Ampliada do G-8, em Evian. Precisamos engajar-nos - política e materialmente - na única guerra da qual sairemos todos vencedores: a guerra contra a fome e a miséria.

Erradicar a fome no mundo é um imperativo moral e político. E todos sabemos que é factível. Se houver - de fato - vontade política de realizá-lo.

Não me agrada repisar as evidências da barbárie. Prefiro sempre louvar progressos, por modestos que sejam. Mas não há como omitir os números que expõem a chaga terrível da miséria e da fome no mundo.

Em (3), o conceito de fome é construído como “um inimigo de guerra” que deve ser combatido, sentido depreendido pela formulação “na única guerra da qual sairemos todos vencedores: a guerra contra a fome e a miséria”. Também, posteriormente, Lula seleciona “a chaga

terrível da miséria e da fome” como uma das “evidências da barbárie”. Nessas formulações, a fome mundial causa dor, feridas (chagas), da mesma maneira como ocorre em combates armados, em que os soldados ferem ou matam o inimigo.

Assim, repertórios coletivos da experiência humana no âmbito global – a história das civilizações, os conflitos armados e seus efeitos – são recuperados no discurso do ex-presidente e colaboram para construir o sentido do conceito de fome em termos de guerra. As atitudes omissas dos representantes da ONU são caracterizadas como não-civilizadas, como selvagens (“barbárie”), imprimindo, novamente, a necessidade de mudar comportamentos políticos e sociais.

Nesse viés, ainda no terceiro segmento do discurso,

(4)

A fome hoje atinge um quarto da população mundial - incluindo 300 milhões de crianças. Diariamente, 24 mil pessoas são vitimadas por doenças decorrentes da desnutrição. Nada é tão absurdo e inaceitável quanto a persistência da fome em pleno século 21, a idade de ouro da ciência e da tecnologia.

A cada dia a inteligência humana amplia o horizonte do possível, realizando prodigiosas invenções. E, no entanto, a fome continua e, o que é mais grave, se alastra em várias regiões do planeta. Quanto mais a humanidade parece aproximar-se de Deus pela capacidade de criar, mais o renega pela incapacidade de respeitar e proteger suas criaturas. Quanto mais o celebramos ao gerar riquezas, mais o ferimos por não saber, minimamente, reparti-las.

A fome, personificada, é um agente que “atinge” crianças, que “persiste” em pleno século XXI e que se “alastra” pelo mundo, criando vítimas. Os saberes da ciência, da tecnologia e da religiosidade são recuperados no discurso; o ex-presidente dialoga com outras esferas de atuação humana de modo a indicar, novamente, a responsabilidade do ser humano em mudar a situação exposta. Esse procedimento é mantido:

(5)

De que vale toda essa genialidade científica e tecnológica, toda a abundância e o luxo que ela é capaz de produzir, se não a utilizamos para garantir o mais sagrado dos direitos: o direito à vida? Recordo a lúcida advertência de Paulo VI,

feita 36 anos atrás, mas de desconcertante atualidade: ‘Os povos da fome dirigem-se hoje, de modo dramático, aos povos da opulência’. A fome é uma emergência e como tal deve ser tratada. Sua erradicação é uma tarefa civilizatória, que exige um atalho para o futuro. Vamos agir para acabar com a fome ou imolar nossa credibilidade na omissão?

Entre os discursos de outras esferas que perpassam o de Lula, a citação das palavras do Papa VI, referida como advertência lúcida e atual, traz a existência de uma polaridade social (os pobres e os ricos) que não foi modificada nem pela evolução da ciência, nem pela da tecnologia. Dessa maneira, o tema da fome também é construído como um fator que, embora faça já parte da história da humanidade, é atual e atuante, assim como as diferenças econômicas e sociais.

Considerando que quem fala é um ex-metalúrgico, ex-líder sindical, que traz em seu repertório de experiências a realidade de um nordeste brasileiro pobre e sofrido, podemos afirmar que há um posicionamento ideológico por parte de Lula, ou seja, o locutor ao mesmo tempo em que observa a situação político-social mundial no papel de um chefe de Estado, também assume a posição dos grupos dos pobres, o que indica uma relação valorativa dele com o objeto de seu discurso: a fome que é apresentada com um juízo de valor extremamente negativo.

Nesse sentido, Lula continua defendendo a necessidade de ação por parte, principalmente, do público em questão para alterar o quadro de miséria e de fome. Desta vez, o encaminhamento dado consiste no “combate à fome”:

(6)

Não temos mais o direito de dizer que não estávamos em casa quando bateram à nossa porta e pediram solidariedade. Não temos o direito de dizer aos famintos que já esperaram tanto: passem no próximo século. O verdadeiro caminho da paz é o combate sem tréguas à fome e à miséria, numa formidável campanha de solidariedade capaz de unir o planeta em vez de aprofundar as divisões e o ódio que conflagram os povos e semeiam o terror. Apesar do fracasso dos modelos que privilegiam a geração de riqueza sem reduzir a miséria, a miopia e o egoísmo de muitos ainda persistem.

Sabemos que se tornou frequente nos discursos de Lula, no Brasil, a seleção de fragmentos da realidade do cotidiano para ilustrar e orientar argumentativamente as teses defendidas por ele. Em nosso *corpus*, não ocorreu de modo diferente. Em (6), o ex-presidente recupera um contexto habitual do dia-a-dia: sujeitos carentes que batem às portas pedindo, entre outros, alimentos e que, por vezes, não são atendidos. Essa situação é associada à falta de atitude do público em questão (membros da ONU) que, do ponto de vista do ex-presidente, não agem adequadamente em prol dos menos favorecidos, daqueles que eles deveriam proteger. Posicionamento repetido na seleção “a miopia e o egoísmo de muitos ainda persistem”.

Ainda sobre esse ponto, em (6), mais uma vez na tentativa de enfatizar o dever de ação de seu público, Lula aponta que a paz consiste em um mundo isento de fome e de miséria.

A ideia de combate, de luta, é reforçada em outros segmentos (“a guerra contra a fome e a miséria”, “o combate sem tréguas à fome e à miséria”, “no esforço mundial de luta contra a fome”, “Fundo Mundial de Combate à Fome”, “Comitê Mundial de Combate à fome”), o que aponta a expressividade – seleção valorativa – do locutor e do gênero.

Em relação à expressividade do gênero, ressaltamos que a metáfora da guerra, possivelmente recuperada das ideologias do cotidiano, é, por diversas vezes, selecionada nos discursos políticos, cujos efeitos de sentido versam sobre a expressão de força, de poder fazer, poder alterar certas situações vistas como impróprias no contexto social e no político. Sobre isso, retomemos as afirmações de Bakhtin e de seu Círculo a respeito da ocorrência de regularidades – em dada esfera de comunicação e de seus tipos estáveis – no que se refere à seleção de fragmentos do real e a maneira como eles são apresentados, conforme apontamos neste artigo.

Como também, podemos retomar o conceito de tema como único, singular, pois ele se constitui na realização concreta da linguagem. Em nosso *corpus*, a associação de domínios (situação mundial é guerra; fome é inimigo de guerra) colabora para a orientação valorativa do tema fome que é transpassado e constituído também pelo momento histórico da interação (seleção de determinados fragmentos da realidade relacionados a guerras/conflitos e a situações de pobreza no mundo), pelas características específicas do público (dever de

assegurar a paz e os direitos humanos), pelas próprias especificidades do gênero discurso político (como a metáfora da guerra) e pela história de vida particular e coletiva de Lula (seu olhar sobre a situação). Sobre esse último ponto, observemos parte do quinto segmento do discurso sob análise:

(7)

Senhor Presidente,

Minha experiência de vida e minha trajetória política ensinaram-me a acreditar acima de tudo na força do diálogo. Nunca me esquecerei da lição insuperável de Ghandi: 'A violência, quando parece produzir o bem, é um bem temporário; enquanto o mal que faz é permanente.'

[...]

A verdadeira paz brotará da democracia, do respeito ao direito internacional, do desmantelamento dos arsenais mortíferos e, sobretudo, da erradicação definitiva da fome.

Em (7), torna-se explícito o estilo individual no gênero, no momento em que Lula aponta sua experiência política e de vida. Essa seleção, conjuntamente à citação de Ghandi – retomado em favor à tese apresentada – reforça o posicionamento do ex-presidente no que diz respeito às medidas necessárias para diminuir o quadro de pobreza mundial.

Já no sexto segmento, destacamos como o ex-presidente constrói o sentido de paz, já que, até o momento, a fome foi associada à guerra:

(8)

Senhor Ex-presidente, chefes de Estado e de governo,

Não podemos frustrar tanta esperança. O maior desafio da humanidade - e, ao mesmo tempo, o mais belo - é justamente este: humanizar-se.

É hora de chamar a paz pelo seu nome próprio: justiça social. Tenho certeza de que, juntos, saberemos colher a oportunidade histórica da justiça. Muito obrigado"

'O comércio internacional deve ser um instrumento não só de criação, mas de distribuição de riqueza'

Nessa parte, observamos que Lula apresenta o conceito de paz como “justiça social”, o que reforça a noção de fome (fome é inimigo

de guerra, situação mundial de fome é guerra) constituída durante o enunciado.

De maneira geral, em nosso *corpus*, o sentido construído de fome constituiu-se devido às várias seleções linguísticas do enunciado e aos elementos do momento da enunciação, o que nos faz retomar a menção feita por Bakhtin (1952/1953-1979) a respeito da relação de cada palavra ao conjunto, ao todo que produz sentido, conforme o projeto do enunciado acabado.

Considerações finais

Pelas análises, pudemos observar que o tema fome é construído de maneira metafórica, no todo do enunciado: fome é um inimigo de guerra, situação mundial de fome é guerra. Essa construção de sentido deve-se tanto aos fragmentos da vida que o ex-presidente recuperou em seu discurso – conflitos armados, situação de pobreza e de fome – quanto às seleções linguísticas que ele apresentou ao fazer menção às consequências da miséria, à falta de atitude por parte dos representantes da ONU e às ações que deveriam ser executadas para diminuir a fome mundial (a luta contra a fome, Fundo Mundial de Combate à Fome, Comitê Mundial de Combate à fome, o combate sem tréguas à fome e à miséria). Como também, e principalmente, pela posição ideológica assumida pelo interlocutor e pelas características do encontro.

Dessa maneira, consideramos que todos esses fatores estão estreitamente relacionados às condições específicas de circulação, de produção e de recepção do discurso. Fato que justifica a escolha de Lula de associar fome à guerra, resultando numa orientação valorativo-axiológica, já que tanto a manutenção da paz quanto dos direitos humanos são deveres dos representantes da Organização das Nações Unidas, destinatários do discurso em questão.

Depreendemos, também, que o ex-presidente da República apresenta-se como representante do povo brasileiro – caracterizado como pacífico e corajoso – e defensor dos menos favorecidos, trazendo e assumindo, por vezes, a voz do grupo dos pobres em oposição a dos ricos. Esse procedimento recupera a própria trajetória de vida social e política de Lula, que se constituiu pela construção de uma imagem de

defensor da classe trabalhadora do país, quando exercia o papel de líder sindical.

Assim, podemos afirmar que o discurso de Lula, na ONU, embora assuma as características daqueles produzidos em situações formais da vida política, pelas especificidades do gênero (estilo, forma composicional etc.), pela esfera de circulação, também recupera a voz povo brasileiro, ao selecionar de maneira frequente metáforas que são próprias dos falares do cotidiano, ao mencionar a sua própria história e ao se posicionar, pelo discurso, defensor dos pobres.

Referências

ARISTÓTELES. *Retórica*. 3. ed. Tradução do grego de Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1998.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997 [1963].

BAKHTIN, Mikhail/Mikhailovich; VOLOSCHINOV, Valentin Nikolaevich. *Discurso na vida e discurso na arte* (sobre a poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992 [1929].

_____.; MEDVEDEV, Pavel Nikolaevich. *The formal method in literary scholarship*. A critical introduction to sociological poetics. Cambridge: H.U.P., 1985 [1928].

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 201-223.

MEDVEDEV, Pavel Nikolaevich. (Cercle de Bakhtine). *La méthode formelle en littérature*. Trad. R. Comtet e B. Vauthier. Toulouse: PUM, 2008 [1928].

OLIVEIRA, Marcelo Fernandes de. Alianças e coalizões internacionais do governo Lula: o Ibas e o G-20. *Revista Brasileira de Política Internacional*. v. 48. n. 2. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2005. p. 55-69.

Recebido em 06/09/2011

Aceito em 20/09/2011